

GEOGRAFIA, LITERATURA E ENSINO: uma compreensão do sertão brasileiro a partir das obras Grande Sertão Veredas, Vidas Secas e Os Sertões

Daniela Zamares da Silva MEDEIROS (1); Prof^o. Ms. Samir Cristino de SOUZA (2)

(1) Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN. Praça Iguaçu, 76 –
Santarém, 59124-410, e-mail: dzamares@gmail.com

(2) CEFET/RN, email: samir@cefetrn.br

RESUMO

Dar vida a geografia por meio da literatura é buscar compreender o espaço-tempo como modo de ser do homem no mundo. A relação interdisciplinar entre geografia e literatura possibilita a aquisição de novos modos de compreender o mundo e cria novas reflexões para o ensino desta disciplina. A organização do espaço geográfico pode ser encontrada não só nos livros didáticos, mas também na literatura. Autores como, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha, que retratam o sertão brasileiro com todas as suas características espaços-temporais e culturais em linguagem narrativa, apresentam os conhecimentos científicos presentes na ciência geográfica de forma contextualizada e criativa. Os temas da geografia humana e da geografia física podem ser explorados utilizando a narrativa literária para dinamizar, contextualizar e integrar os saberes da geografia com a literatura. O objetivo deste trabalho é compreender a geografia do sertão brasileiro e seus conceitos fundamentais a partir das obras, *Grande Sertão: Veredas*, *Vidas Secas* e *Os Sertões*, com vista a um ensino da geografia contextualizado e interdisciplinar. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise crítica será evidenciada a importância da literatura como estratégia de pensamento e produção de conhecimento. Espera-se contribuir com o ensino da Geografia de forma dinâmica, criativa e contextualizada.

Palavras-chave: geografia; literatura sertão; interdisciplinaridade; ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

O modelo de ensino vigente protagoniza um grande paradoxo atualmente. Inserido em um contexto em que cada vez mais concepções reducionistas, advindas da ciência moderna, predominam, a capacidade de integrar saberes e idéias para solucionar problemas e atender a necessidades da humanidade não acontece. Em contrapartida, têm-se problemas de âmbito global que demandam uma compreensão cada vez mais amplificada. Essa compreensão, já intrínseca ao ser humano, é impedida de ser desenvolvida, pela excessiva fragmentação dos saberes.

É nesse contexto, que se discute a necessidade da realização do dialogo entre diferentes disciplinas, a fim de minimizar os problemas decorrentes da fragmentação do conhecimento. Nesse trabalho, a relação interdisciplinar discutida é entre Geografia e Literatura.

As obras literárias, no presente estudo, são compreendidas como documentos repletos de conhecimentos capazes de auxiliar no ensino de diversos temas da geografia. Desse modo, perceber as realidades contidas nos livros, que trazem em si um quadro completo a cerca da Geografia do ambiente em que a história se desenvolve é perfeitamente possível.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender a geografia do sertão brasileiro e seus conceitos fundamentais a partir das obras, *Grande Sertão: Veredas* (Guimarães Rosa), *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e *Os Sertões* (Euclides da Cunha) com vista a um ensino da geografia mais contextualizado, dinâmico e interdisciplinar. A análise das três obras permite ao leitor o contato com um conjunto de representações, articulado a partir dos diferentes olhares dos autores em questão.

Para a consecução deste estudo foi realizada pesquisa bibliográfica e análise teórica e crítica. A partir dos romances foram destacadas citações, em que o conteúdo geográfico fosse mais facilmente reconhecido pelos alunos, fornecendo, dessa forma a oportunidade de descobrir a multiplicidade de paisagens denominada sertão.

O texto divide-se em duas partes, a primeira trata da relação interdisciplinar entre Geografia e Literatura, enquanto na segunda são feitas algumas considerações a cerca do conteúdo geográfico presente nas obras *Vidas secas*, *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*.

2. RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

2.1 A literatura como escola de vida

A busca por explicações a cerca da existência, do universo e dos fenômenos da natureza, constitui uma das características da humanidade. Tais questionamentos são abarcados pelo domínio da cultura humanística, que com o auxilio da filosofia, literatura, poesia, cinema e das artes em geral, reflete de modo a compreendê-los. Separada da cultura científica, que é responsável pelo atual progresso tecnológico da humanidade, desde a consolidação do pensamento científico que se deu a partir de várias idéias, entre elas as cartesianas e newtonianas, a cultura humanística têm sido relegada a um segundo plano. Nesse sentido, MORIN (2000, p. 18) diz: “O mundo técnico e científico vê na cultura das humanidades apenas uma espécie de ornamento ou luxo estético [...] O mundo das humanidades vê na ciência apenas um amontoado de saberes abstratos e ameaçadores”.

Dentro do domínio científico, a educação atualmente forma alunos com o objetivo de inseri-los no mercado de trabalho, não se preocupando, dessa forma, em educá-los para a vida, de modo a compreender a sua condição humana e resgatar a sua identidade como ser integrante do universo, da natureza. MORIN (2000, p. 37) diz: “Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura”. O ser humano é consequência de uma totalidade em que se incluem aspectos físicos, químicos, biológicos e culturais.

A literatura, por conter percepções a cerca da vida, significados e demais atributos próprios aos seres humanos, é capaz de transportar o leitor para a verdadeira complexidade humana. De acordo com MORIN (2000): As artes nos levam a dimensão estética da existência, elas nos ensinam a ver o mundo com mais beleza e prazer, pois em toda grande obra de arte há um pensamento profundo sobre a condição humana.

As obras literárias garantem imortalidade e a infinita aplicabilidade de contextualizações das vivências contidas nelas, pelo fato de tratarem com maestria comportamentos inerentes a toda humanidade. O olhar de quem lê o texto, com seus valores, cultura e conhecimentos, determinarão a interpretação. Constituindo,

desse modo, um excelente recurso de análise dos mais variados conceitos em sala de aula. Com relação à contribuição das obras literárias para o processo de ensino-aprendizagem, FARIAS (2006, p.54) versa:

Seus temas são atemporais e a inflexão e adequação cabe a cada grupo e cultura. As histórias que se perpetuam são aquelas que se referem a fenômenos universais, e que as sociedades adaptam com sutis diferenças [...].Essas narrativas se tornaram clássicas e ultrapassaram seu tempo de origem devido à profundidade com que tratam dos temas recorrentes a cultura humana.

As temáticas abordadas pelas obras transcendem os limites disciplinares, ou seja, o conteúdo presente nas obras é interessante para as mais diversas disciplinas. Porém MORIN (2000, p.48) ressalta: “Literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos”.

Assim, além de saberes, descobertas e conexões, os romances permitem o contato com os elementos comuns a toda humanidade: sofrimentos e alegrias.

2.2 O ensino da Geografia pela Literatura

A geografia, por tentar entender a dinamicidade do espaço geográfico e os múltiplos elementos que juntamente a esse compõem o seu abrangente objeto de estudo, evoca conhecimentos provenientes tanto das ciências da natureza quanto das ciências sociais. Tornando-se assim, uma ciência de natureza complexa, multidimensional e conseqüentemente uma das disciplinas, no campo escolar, melhor equipadas para se discutir temas, problemas e demais atribuições cotidianas. Porém, já não é de hoje, que se observa uma situação exatamente contrária: o modo como essa matéria vem sendo trabalhada no âmbito escolar a direciona para caminhos que se contrapõem ao seu objetivo, a compreensão da realidade.

Assim, a maioria dos professores parece esquecer que eles estão falando de elementos cotidianos quando estão lecionando Geografia, detendo-se, na maioria das vezes, a abstrações, classificações de dados e elementos geográficos, de maneira isolada do contexto em que se inserem. Nesse sentido, BRABANT (2003, pag. 19) diz “A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar e classificar em lugar de analisar e de interpretar”.

Essa tendência observada nas esferas escolares de abordar os conteúdos de maneira abstrata ao invés de captar o verdadeiro sentido é proveniente de diversas concepções. Uma delas é a importância garantida à geografia física no âmbito da geografia escolar, advinda, segundo BRABANT (2003) da sua antiga finalidade de servir como uma espécie de base para o ensino da História, em que essa se encarregaria de narrar os fatos, enquanto a geografia descreveria principalmente os aspectos físicos dos lugares onde esses eventos se passavam. A outra concepção é proveniente da própria estrutura do pensamento científico atual, em que o conhecimento é produzido de forma compartimentada, sem muita preocupação com as múltiplas relações que o complementam, com sua inerente totalidade. Soma-se aos aspectos anteriormente citados, a organização educacional vigente, na qual uma determinada quantidade de conteúdos que devem ser cumpridos durante o ano letivo é mais importante do que a concepção de uma educação preocupada em favorecer a constituição do conhecimento pertinente. A esse respeito MORIN (2000, pag. 15) elucida:

Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.

É a partir dessas considerações que o presente estudo pretende vislumbrar práticas educacionais mais interativas, que valorizem as relações entre experiências cotidianas e saberes científicos, um diálogo entre conhecimentos que tem, por objetivo, contextualizar e, por conseguinte uma compreensão global do conhecimento pelo aluno.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade emerge no sentido de possibilitar a concretização de tais práticas educacionais. Ao permitir o diálogo entre a literatura e a Geografia, a interdisciplinaridade realiza um trabalho criativo em que a contribuição geográfica para a vida do aluno não se efetiva somente pela ótica científica, mas também pela cultural, manifestadas em todos os instantes nas relações sociais contidas nos espaços. A cerca da interação entre tais saberes KOZEL (2004, p. 169) considera:

Como o espaço geográfico é produzido pela sociedade, apenas a sua representação geométrica impressa nos mapas é insuficiente para captar a gama de relações históricas,

socioculturais, econômicas, políticas etc. que o geraram. Os mapas podem ajudar a localizá-las, visualizá-las, descrevê-las, mas não propiciam o entendimento sobre os atores sociais.

Desse modo, compreendendo as obras literárias como representações da realidade, entende-se que essas são extremamente adequadas à tarefa de fornecer aos alunos um quadro completo a cerca do espaço geográfico. À medida que tentar, por meio da literatura, compreender as relações estabelecidas nesses lugares, o aluno interagirá com elementos da Geografia física, Geografia humana, aspectos sociais, políticos e culturais. Essa importante ferramenta dinamizadora do conteúdo geográfico evidenciará, também, em seus personagens e suas histórias temas subjetivos que não são apontados no conteúdo escolar, mas que são intrínsecos à natureza humana. Nesse sentido, DANTAS (2004, p. 238) diz:

Homero, na Odisseia, talvez tenha sido o primeiro geógrafo a criar representações da Terra para poder atravessá-la. São narrativas do tempo e do espaço que revelam a trama singular e universal da condição humana envolta nas incertezas e imprecisões quando se percorre caminhos desconhecidos.

A relação entre Geografia e literatura torna-se mais óbvia no momento em que se constata a presença de um elemento comum a ambas – o lugar. Em algumas obras como *Vidas Secas*, *Grande Sertão: Veredas* e *Os Sertões* esse componente são mais que essenciais, pois além de atribuir aos personagens as suas localizações no tempo-espaço da história retratada pelo romance, o lugar também é o componente pelo qual a trama se desenvolve, indo mais além, esse exerce função decisiva nas vidas dos personagens.

3. O SERTÃO BRASILEIRO NAS OBRAS DE GUIMARÃES ROSA, EUCLIDES DA CUNHA E GRACILIANO RAMOS

3.1 Elementos geográficos do sertão brasileiro presentes nas obras: Grande Sertão: Veredas, Os Sertões e Vidas Secas

O sertão, espaço que abrange grande parcela do território brasileiro, já foi bastante explorado artisticamente. Tal fato, talvez se deva pela enorme quantidade de elementos que compõem as paisagens dos diversificados ambientes que recebem essa denominação. Culturais, políticos ou físicos, tais elementos traduzem a mística que envolve e provoca fascínio acerca desses lugares. Contagiados por essa magia que circunda o sertão e, sobretudo os sertanejos, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha são alguns dos muitos escritores que permitem ao leitor, por meio de suas representações literárias, percorrer esses magníficos espaços. Esses escritores, ao imprimirem em seus romances realidades que se aproximam e se distanciam entre si, possibilitam através de suas tramas, *Vidas Secas*, *Grande Sertão: Veredas* e *Os Sertões*, intensas possibilidades de contextualização do saber científico e popular, pois enquanto constroem seus romances, esses permutam elementos da geografia física e geografia humana com as histórias de vida de seus personagens.

Ainda que os três romancistas versem sobre a mesma temática: o sertão, e embora esse ambiente seja denominado igualmente nos três livros, é oportuno esclarecer aos alunos que as obras abordam realidades distintas. O sertão, que é comumente associado a uma paisagem homogênea em que ausência de água e o clima semi-árido lhe são características predominantes, pode assumir configurações físicas diferenciadas, não obedecendo, portanto, a um perfil determinado. Nas obras *Vidas Secas* e *Os Sertões*, o tema central é o Sertão nordestino, com seu clima semi-árido e área de abrangência do bioma caatinga, ao passo que a obra *Grande Sertão: Vereda* versa a cerca do sertão mineiro, cujas características se estabelecem de maneira distinta do ambiente nordestino, pois há nesse água em abundância e um tipo de vegetação bastante diferente da caatinga: o cerrado ou como é citada no livro pelo autor: Campos Gerais.

Para que se possa dinamizar a compreensão do caráter geográfico do sertão a partir das obras literárias, serão destacados fragmentos dos romances que expressem de maneira mais esclarecedora possível os conteúdos geográficos.

A escrita de extrema fidelidade e objetividade praticada por Graciliano Ramos, que ao discorrer sobre uma família de migrantes que tenta sobreviver às irregularidades climáticas periódicas que atuam no espaço geográfico do sertão seco, fornece de maneira fascinante todas as características do lugar que ambienta a trama. Essa fidelidade com que o romancista retrata o espaço geográfico que compõe o romance, já é perceptível nas primeiras linhas da obra. RAMOS (2003, p. 09) descreve: “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes [...] A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos

pelados da caatinga rala”. E, mesmo que, não haja qualquer menção nesta obra sobre os nomes das localidades em que a trama se desdobra, ou seja, nomes de cidades por onde os personagens transitam o leitor ou o aluno que tentar apropriar-se do conteúdo do romance, encontrará referenciais em toda a obra que o permitirá ter uma visão completa do ambiente em questão.

Nesses fragmentos RAMOS (2003, p.9) fornece todas as características do ambiente seco: “[...] haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra”. RAMOS (2003, p.10) “Após uma longa caminhada tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés”. Compõem o cenário seco, além do rio e a caatinga, as ossadas dos animais mortos acompanhadas do “negrume dos urubus”. Essas informações, juntamente com a degustação de um preá, são convidativas a uma reflexão sólida que transpõe os limites do espaço geográfico, abordando não só da seca, mas também o sofrimento, advindo da fome, da dificuldade de comunicação e da rigidez que perpassa as relações familiares, elementos constantes em toda a obra. Segundo MONTEIRO (2002, p. 65) Graciliano não se esquece de citar em *Vidas Secas* o fato de que em termos climáticos não é só a seca o único problema. As fortes cheias da estação chuvosa, conhecidas na região nordestina por inverno, são retratadas no capítulo sete, intitulado inverno. Nesse sentido RAMOS (2003, 63) aponta: “Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante”. “A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia [...] A água tinha subido, alcançando a ladeira [...] Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isso acontecesse a casa seria invadida [...]” Deste modo, a cerca das irregularidades climáticas da região tem-se nessa obra um material riquíssimo que aborda as duas realidades.

As espécies vegetais mais comuns que compõe a caatinga servem como pano de fundo para a história. Assim, (RAMOS, 2003, p. 19) diz: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de mucunã”. (RAMOS, 2003, p. 20) “Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas”.

Nesse romance, as migrações, temáticas, muito discutidas nas aulas de Geografia, evidenciam-se desde o início da obra, quando a família de retirantes fugidos da seca está caminhando em busca de um lugar em que exista a possibilidade de se instalar e quem sabe encontrar melhores condições de vida. Em algumas divagações e auto-análises, Fabiano, o chefe da família, demonstra a realidade do homem nordestino: “A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.” (RAMOS, 2003, p. 18)

Após a chegada em uma fazenda, lugar em que família permanece por um período, esses aproveitam uma temporada de relativa estabilidade obtida após a chuva, quando Fabiano consegue um emprego como vaqueiro nesse lugar. A experiência de vida, dentre os muitos aspectos culturais que a literatura é capaz de transmitir, é evidente nessa passagem, quando Sinhá Vitória, personagem do romance observa a paisagem do sertão e teme a chegada da seca que a faria migrar novamente com a família: “Chegou à porta, olhou as folhas amarelas das catingueiras. Suspirou. Deus não havia de permitir outra desgraça” (RAMOS, 2003, p. 44).

No fim do romance, a temática migração é novamente abordada devido à vinda da outra seca, na verdade o romance se passa no espaço-temporal entre duas secas. Depois de amargarem os primeiros sinais do surgimento da nova seca, os sertanejos sentem-se desestimulados a permanecer na fazenda: “Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos definhavam, devorados pelo carrapato”. (RAMOS, 2003, p. 118) Então, eles resolvem partir para o sul, para uma cidade em que o nome não é citado: “E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos” (RAMOS, 2003, p. 128) A partida da família para o sul e para cidade caracteriza uma migração regional, fenômeno que já foi bastante comum no Brasil, conhecido também por êxodo rural.

Em *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa constrói através de sua escrita, um denso material sobre o sertão do norte do estado de Minas Gerais. Escrita em uma linguagem bastante característica da região em questão. Tal obra, sem capítulos ou outras divisões é narrada por Riobaldo, um ex-jagunço que viajou por um longo período de sua vida pelo sertão. Ao contar a sua história a um compadre vindo da cidade que estava de passagem por sua fazenda, ele discorre acerca de vários aspectos, fornecendo elementos

geográficos dos lugares percorridos. Com relação ao Jagunço BOLLE (2004, 64) explica: “A tarefa básica do narrador, no proêmio, é introduzir o interlocutor – e com ele, o leitor – ao universo do sertão”

A começar pelo seu título, *Veredas*, a narrativa já antecipa uma das características do sertão mineiro – a abundância de água. De acordo com GALVÃO (2000) vereda, na região em questão, significa um rio pequeno. Há, em todo o livro, menções a veredas, ao rio São Francisco e outros rios. ROSA (2006, p. 8-9) narra: “Um Moço de fora, teria aparecido, e lá se louvou que, para aqui vir – normal, a cavalo, dum dia-e-meio – ele era capaz que só com uns vinte minutos bastava... porque costeava o Rio Chico pelas cabeceiras!”. Ainda nesse âmbito, ROSA (2006, p. 22) diz: “Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal roseado”.

Produto desses campos alagados, mais um elemento componente da paisagem tornam-se constantemente evidente na trama: a palmeira buriti. ROSA (2006, p. 51) cita: “A saudade que me dependeu foi de Otacília. Moça que dava amor por mim existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na fazenda Santa Catarina”. Em meio às buritis formas de relevo (chapadões e serras) também integram a paisagem.

É importante destacar que, em termos topográficos, as referências contidas em *Grande Sertão: Veredas* misturam-se entre reais e fictícias. Desse modo, BOLLE (2004, p. 66) diz: “Mas, por falar em exatidão, quem mapeia o *Grande Sertão* precisa ter em mente que o romancista trabalha no limite da cartografia: ele usa, sim, muitas referências geográficas reais, mas se reserva sempre a liberdade de inventar”.

A escrita poética dessa obra regionalista representa a realidade local com bastante fidelidade, em meio a todos os aspectos geográficos retratados, evidenciam-se a todo tempo expressões da linguagem sertaneja, costumes e demais componentes da cultura local.

Já, a obra *Os Sertões*, resulta de uma cobertura jornalística, feita por Euclides da Cunha, sobre a guerra de Canudos, ocorrida entre os anos de 1896 a 1897 no sertão baiano. Nesse romance, esse espaço é retratado à luz de aspectos que envolvem diversas ciências, entre essas a Geografia. A primeira das três partes em que a obra está dividida: “A terra” traz em si um riquíssimo conteúdo a cerca dos elementos geográficos e geológicos que compõem o sertão baiano, no entanto Euclides vai mais além, quando o seu narrador sobrevoa o Brasil, outras regiões como o planalto central, Sudeste e Sul têm suas formas geográficas reveladas na obra. Observa-se isso no primeiro parágrafo quando CUNHA(2003, p.10) menciona:

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socacos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

Porém, é a caatinga, o solo seco e o rio São Francisco, atributos da paisagem do sertão baiano, que servirão de pano de fundo para a disputa entre Antônio Conselheiro e seus fiéis contra o exército brasileiro, logo será esse lugar o foco do romance.

Os juazeiros, com suas floras sempre verdes mesmo nos períodos mais secos, os mandacarus que tanto caracterizam a paisagem semi-árida e os xiquexiques espinhentos são alguns dos muitos exemplares do bioma caatinga contemplados pelas admiráveis descrições de Euclides. A cerca da espécie denominada popularmente umbuzeiro CUNHA (2003, p. 41) diz: “É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja”.

Euclides da Cunha, engenheiro e autor da obra, não poupou aspectos científicos relativos as mais diversas ciências em sua obra. São freqüentes, em todo o romance, descrições sobre formações rochosas, solos, vegetação e hidrografia. Com relação à Geografia especificamente, essa detém, em suas páginas, a mais duas faces dessa ciência. Uma, que se poderia chamar de popular, como os termos da flora da região em questão, até a mais erudita, com termos e classificações a altura de qualquer especialista.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a necessidade de novas alternativas para a contextualização de conteúdos da Geografia no processo de ensino-aprendizagem. A literatura, compreendida como uma fonte de informação para o estudo

dos lugares, paisagens, climas e outros conhecimentos importantes que compõe a gama de conhecimentos estudados pela Geografia, apresenta-se como um recurso didático bastante útil para o cotidiano escolar dessa ciência.

Através das obras de Graciliano Ramos (*Vidas Secas*) Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*) e Euclides da Cunha (*Os Sertões*) foram destacadas algumas citações cujo conteúdo sintetizasse as relações entre os textos literários e seus conteúdos com os elementos, conceitos e categorias geográficas. Permitindo, dessa forma, descobrir a influência do espaço, tanto na construção mesmo das obras, quanto na forma de retratar e difundir idéias e representações dos personagens sobre o sertão brasileiro. Tais obras constituem um fértil campo de estudo sobre a geografia do Brasil. A partir delas, conforme foi demonstrado, foram analisados conteúdos da Geografia física presentes no sertão nordestino e mineiro, como a vegetação, o clima e as paisagens típicas de suas abrangências. Características da Geografia humana como migrações e os problemas socioambientais decorrentes da seca, como as desigualdades sociais, o analfabetismo e o êxodo rural também são abordados.

Por entrar em contato com muito mais aspectos que vão além das fronteiras disciplinares, assim como incentivar a leitura e aproximar bastante os alunos da realidade descrita no livro. Tal relação permite, em muitas ocasiões, além de um profundo estudo geográfico, futuras reflexões a cerca dos problemas existentes na trama, contribuindo, dessa forma, para a formação de um leitor crítico.

Por tudo isso, pensamos que se a geografia do mundo, quando apreendida em pensamento e linguagem pode se tornar discurso, então, ler o texto literário pode também ser uma possibilidade de pensar lugares, paisagens e mundos inteiros, visto que cada inspiração nasce de experiências que se materializam nas palavras dos autores. Mais do que isso, lidas, tais palavras constroem no leitor referências, estruturas do pensamento e reflexões sobre o mundo real. Dito de outra forma, os lugares da ficção ao serem retratados estão carregados de simbologia e subjetividade a eles dadas pelos respectivos autores. Entende-se que tais idéias não são lidas apenas na dimensão superficial do conhecimento, mas que ao serem lidas criam no leitor novas compreensões sobre os lugares que podem ser referenciados no seu cotidiano e passam ainda a compor seu universo vocabular por meio e noções diversas. É uma maneira de enriquecer o discurso sobre os lugares e a paisagem.

Por fim, a leitura inicialmente despretensiosa se coloca a serviço da construção de referências espaciais para a aula de Geografia (localização, distâncias, dimensões, qualidades ambientais, tipos culturais e humanos etc). Dessa forma, o encontro da literatura como prática de ensino de Geografia permite explorar tanto as impressões retratadas nos textos a respeito dos lugares, problematizando-os, quanto desenvolver a capacidade de articular imagens e idéias aos lugares reais numa releitura permanente das experiências do leitor. É esta a inspiração para propor esse diálogo entre a Literatura e a Geografia.

REFERÊNCIAS

- BOLLE, W. **grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- BRABANT, J. Crise da geografia, crise da escola. In **Para onde vai o ensino de geografia?** Ariovaldo Umberlino de Oliveira (org.) 8 ed. – São Paulo : Contexto, 2003. (Repensando o Ensino). p. 7-20.
- CUNHA, E da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- DANTAS, E.M. Caminhos de uma Geografia complexa. In **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Aldo Aloísio Dantas e Alex Galeno (orgs.). p. 237-252.
- GALVÃO, V. N. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica)
- KOZEL, S. Das “velhas certezas” a (re)significação do geográfico. In **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Aldo Aloísio Dantas e Alex Galeno (orgs.). p. 160-180.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MONTEIRO, C. A. de F.. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

RAMOS, G.. **Vidas secas.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

ROSA, J. G. **Grande sertão:** veredas. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.